

Análise Semiótica das Minorias no Cinema Brasileiro Contemporâneo

Ingryd Isabelle Santana da CRUZ ¹
Daniel Pala ABEICHE

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo principal investigar a representação semiótica de minorias nos filmes *Estômago*, do diretor Marcos Jorge, exibido em 2008; *Hoje eu quero voltar sozinho*, de Daniel Ribeiro, exposto em 2014, e *Aquarius*, de Kleber Mendonça Filho, notório em 2016. Após o estudo da história do cinema e da teoria semiótica foram identificados os signos presentes a partir da análise de primeiridade, secundidade e terceiridade destes. Sendo possível entender a representação destas minorias na cinematografia brasileira contemporânea. Consequentemente, concluiu-se que, apesar do contínuo uso de padrões existentes, esses filmes representam um movimento a favor da quebra de representações estereotipadas que fogem a realidade destes indivíduos.

Palavras-chave: Mulheres; Homossexuais; Nordestinos; Semiótica; Cinema.

Corpo do trabalho

Este trabalho parte da contextualização representativa das minorias no cinema nacional e tem como cerne a análise semiótica desta representação. A pesquisa tem por objetivo o entendimento dos signos que retratam personagens mulheres, homossexuais e nordestinos nas histórias selecionadas e para que este seja cumprido são abordados os objetivos específicos de conhecer em qual contexto o cinema brasileiro se desenvolveu, compreender a maneira como análise semiótica deve ser realizada e qual a importância desta na representação cultural, entender a abordagem conceitual do termo “minorias” e como elas foram representadas ao longo do tempo no cinema local e concluir de maneira geral, a análise dessas representações fílmicas a partir dos três filmes apontados neste projeto e assim entender se essas representações fílmicas contemporâneas rompem com paradigmas ou reforçam velhos estereótipos.

-
1. Estudante de Graduação do curso de Publicidade e Propaganda da PUCPR, email: ingrydscruz@gmail.com
 2. Orientador do trabalho. Professor do curso de Publicidade e Propaganda da PUCPR, email: daniel.abeiche@pucpr.com

A abordagem será aprofundada no signo da minoria, onde os três elementos estudados corroboram para uma análise pragmática do tema possibilitando uma verticalidade maior. Com embasamento em teorias da semiótica e do cinema, algumas cenas foram selecionadas para que se possa analisar os discursos, imagens e reflexões dos personagens, os signos que serão investigados são aqueles suficientes para tirar a cinematografia de um patamar de puro entretenimento e trazer reflexão e entendimento de outra realidade, para aquele que muitas vezes se vê distante da mesma, cumprindo o papel de construtor de sentido. Segundo Jorge Gonçalves (2010), o cinema pode transmitir ideias e conceitos por meio da ação sobre as emoções dos espectadores. Sendo o movimento a sua própria natureza, o cinema torna visível a transitoriedade do mundo, ao mesmo tempo que aponta direções para a ação humana. Já dizia Vinícius de Moraes (1948):

“[...] O cinema é infinito - não se mede. Não tem passado nem futuro. Cada Imagem só existe interligada À que a antecedeu e à que a sucede. O cinema é a presciente antevisão Na sucessão de imagens. O cinema É o que não se vê, é o que não é Mas resulta: a indizível dimensão... [...]” (VINÍCIUS DE MORAES, 1948)

Visto que para Gilles Deleuze e Guattari (1980) os meios tradicionais foram responsáveis pela criação do controle social, que privilegia uma cultura dominante perpetuando sistemas de segregação, o cinema pode, mais do que qualquer outro meio consegue, conceber uma revolução social diante das grandes máquinas de controle da sociedade e da visão de mundo dos espectadores. O problema que busca ser resolvido é a compreensão da maneira que técnicas oriundas dessas produções são transpostas para a construção significativa de personagens que têm o papel de representar minorias como neste caso homossexuais, mulheres e homossexuais na sétima arte.

Ao analisar a maneira como esse influente meio representa os personagens de classe minoritária, a partir do viés histórico do cinema e da importância da teoria semiótica no processo de significação, pode-se ter uma compreensão dos padrões existentes nesta arte e dos estereótipos abordados. Para Debord (2003), essas representações têm mais valor do que a própria sociedade. Ao conceber a análise de conteúdo, proposta neste projeto, das obras “Estômago” do diretor Marcos Jorge, exibida em 2008; “Hoje eu quero voltar sozinho” de Daniel Ribeiro exposta em 2014 e “Aquarius” de Kleber Mendonça Filho notória em 2016, o referencial teórico teve como cerne a história do cinema, o estudo da

semiótica e um breve entendimento das minorias. Uma leitura mais profunda desses filmes é necessária e depende do entendimento de que o uso de imagens não deve se propor apenas a simular algo retratado e sim a sugerir por meio de seus signos a construção de tantas outras informações, como Souza (2001, p.17) afirma “a cada dia fica mais evidente que é necessário uma análise em profundidade que dê conta dos usos da imagem como fonte de informação e conhecimento”.

A imagem que para Pasolini (1990) pode ser desvelada com a palavra configura as primeiras lembranças da vida visto que essas são visuais e são processadas junto ao crescimento humano, no qual tem caráter de essencialidade. Compreender que este também é um termo envolto de complexidade serve como início de uma discussão para entendê-la diante de diferentes perspectivas, o projeto em questão busca esse entendimento a partir de significações e interpretações, utilizando a semiótica. Martine (1996) reforça que nesta ciência tudo pode ser considerado signo e todos os humanos, como seres socializados podem interpretá-los, assim como pontuou Peirce. Para que se possa entrar no âmbito da significação, é necessário o entendimento dessa ciência como parte essencial do processo das construções visuais, por isso para que imagens sejam estudadas elas são inseridas no campo semiótico, onde seu modo de produção de sentido é levado em consideração. Santaella (2004, p. 8), em clara associação à concepção peirceana almeja que signo é “qualquer coisa de qualquer espécie que representa uma outra coisa”.

E como qualquer coisa entende-se como tal, Rilmara Galvão (2008) enfatiza o papel do cinema nessa ciência, este que possui força imagética e é recheado de elementos culturais revestidos de simbologia se torna relevante e fundamental para o estudo dos fenômenos semióticos, mesmo que a cinematografia muitas vezes sofra com interesses meramente mercadológicos, como citado no primeiro capítulo deste projeto, essa ainda possui interesses culturais e intelectuais, que fazem com que seus efeitos continuem diretamente ligados à cultura, aos costumes, crenças e tradições de seu povo. Essa ligação que torna a abordagem de questões polêmicas essencial, para que possa existir uma análise e que novos pensamentos sejam criados a partir dessa exibição imagética, que continua tendo o papel ressignificador de objetos e conceitos.

A autora Joly (1996) ressalta que é imprescindível reconhecer a maneira como as

imagens utilizadas se comportam a partir dos efeitos produzidos e depois sentidos pelo público. Pois como o mesmo diz:

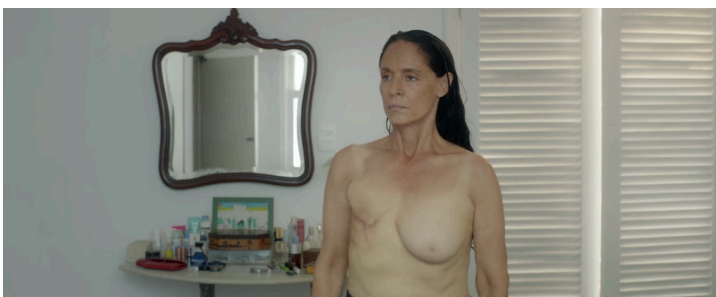
"quanto mais vemos imagens, mais corremos o risco de ser enganados [...] a utilização das imagens se generaliza e, contemplando-as ou fabricando-as, todos os dias acabamos sendo levados a utilizá-las, decifrá-las, interpretá-las. Um dos motivos pelos quais elas podem parecer ameaçadoras é que estamos no centro de um paradoxo curioso: por um lado, lemos as imagens de uma maneira que nos parece totalmente “natural”, que, aparentemente, não exige qualquer aprendizado e, por outro, temos a impressão de estar sofrendo de maneira mais inconsciente do que consciente a ciência de certos iniciados que conseguem nos “manipular”, afogando-nos com imagens em códigos secretos que zombam de nossa ingenuidade (MARTINE, 1996, p. 10).

Yuri Lotman (1978), principal teórico da semiótica da cultura ressaltava o fato de que no cinema, cada imagem é um signo ou seja carrega um significado em si e quando as cenas presentes na arte cinematográfica reproduzem objetos do mundo real, se estabelece uma relação de sentido decodificados pelo espectador. Para demonstrar essas relações optou-se por usar uma breve análise geral dos filmes e dos signos nele presentes e um esquema de signo elaborado pelo semioticista Charles Sanders Peirce (1972), na medida em que se considera a imagem do cinema como um signo.

Considerações Finais

Com base na sabedoria de que o presente estudo teve como cerne a análise imagética de três filmes que retratam minorias no cinema brasileiro, foi possível perceber que apesar de em certos casos ainda existir o uso de determinados estereótipos, eles quase sempre estão associados a uma ironia, a dualidade da vida dos personagens. A análise das cenas escolhidas foram realizadas como exemplificado abaixo:

Figura 04 – Cena da cicatriz filme. “Aquarius”, 2016.



Fonte: “Aquarius” (2016). Quadro 3 – Cena 1

Descrição da Cena	Primeiridade	Secundidade	Terceridade
<p>Clara chega da praia, entra no banheiro e tira sua blusa.</p> <p>A personagem não percebe se a cicatriz de retirada da mama.</p>	<p>Desde os primeiros minutos do filme, após um discurso de seu marido que Clara enfrentou uma batalha contra o câncer de mama mas sobreviveu.</p>	<p>Clara tira a blusa e fica com a parte frontal nua.</p> <p>De cenas como essa os espectadores esperam ver seios considerados bonitos para o padrão de beleza atual. Daí vem a surpresa quando em um ato muito sutil o espectador descobre a cicatriz.</p>	<p>O fato da personagem não ter implantado uma nova mama mostra que a mesma considera a cicatriz como parte dela, o que a lembra de sua luta e de sua vitória. Como citado primeiro parágrafo são marcas do tempo, que mostram que enquanto ela como ser viva evoca memórias assim como o edifício onde mora. Esta cena demonstra como a trama decide representar o papel da mulher de maneira não estereotipada.</p>

Fonte: a autora, 2017.

Figura 01 – Primeira cena do filme “Estômago”, 2008.



Fonte: “Estômago” (2008).

Descrição da Cena	Primeiridade	Secundidade	Terceridade
<p>Início do filme. Raimundo Nonato conta a história sobre a origem do queijo gorgonzola. A</p>	<p>O personagem de João Miguel, Raimundo Nonato fala sobre a história do queijo gorgonzola, ao que</p>	<p>O personagem está em um fundo maltratado verde com uma blusa vermelha contando a história</p>	<p>A blusa vermelha do personagem, o fundo verde da cela e a luz branca representam as cores da Itália, país</p>

<p>resposta para a dissertação feita é dada por outro homem.</p>	<p>parece no começo é monólogo mas depois é descoberto a participação de outro personagem ali que tem papel de ouvinte mas também dá a resposta. Os dois personagens estão em uma cela carcerária.</p>	<p>do queijo gorgonzola, seu sotaque nordestino é perceptível e a maneira como ele conta tem diversas comparações. Parece estar tentando convencer alguém de algo. Usa uma série de palavras para adjetivar o queijo. É interrompido de maneira hostil pelo companheiro de cela que nega o que Nonato estava tentando pedir. Parece que ele já contou essa historia varias vezes. Que é algo que se orgulha de saber.</p>	<p>que colaborou com a produção do filme e lugar onde o queijo gorgonzola foi inventado. A fala sobre um assunto "requintado" destoa do seu sotaque, devido a grande estereótipo do nordestino com um indivíduo burro e que nunca saberia desse assunto. O grande entusiasmo para conta a história mostra que Raimundo gosta muito do assunto e tem uma grande personalidade. Ao ser interrompido mostra que o mesmo está preso mas gera a dúvida. Um cara que sabe aquilo, história que provavelmente os telespectadores não sabem deveria estar na cadeia? Como ele foi parar lá?</p>
------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: a autora, 2017.

Figura 08 – Beijo no chuveiro. “Hoje Eu Quero Voltar Sozinho”, 2014.



Fonte: “Hoje Eu Quero Voltar Sozinho” (2014).

Descrição da Cena	Primeiridade	Secundidade	Terceridade
Leonardo vai tomar	Leonardo se lava	O espaço do chuveiro	A cor azul representa

banho e em certo momento beija o box do chuveiro.	quando parece ter uma ideia, decide então beijar o vidro que	tem predominância da cor azul. A câmera começa como um plano médio e aos poucos se transforma em um plano detalhe da boca e nariz do personagem encostando no vidro.	a jovialidade e a fase de descoberta do personagem, tratando esse momento incerto do primeiro beijo de maneira leve. A cena citada acontece depois do dia em que Gabriel leva Leo para casa pela primeira vez, mostrando que desde o começo dessa relação, o sentimento de curiosidade e atração já uma tentativa de aceitar seus desejos sexuais e afetivos por parte do personagem principal.
---------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: a autora, 2017.

Chegando assim a conclusão de que na obra *Estômago*, o uso de certas representações negativas do homem nordestino são utilizadas para compor o personagem e todas as suas dimensões como representação de um ser humano. Assim como o diretor Marcos Jorge (2017) disse em uma entrevista exclusiva para esse projeto, “Raimundo Nonato é, como todos nós, ao mesmo tempo um *produto* e um *ator* das dinâmicas sociais que formam os homens em nossa sociedade. O filme tem esse papel de desempenhar um olhar crítico e às vezes ácido e cínico sobre a sociedade e também sobre as representações criadas por esta. Sendo assim a semiótica, cumpre seu papel quando entende a sociedade e a cultura do seu próprio modo.

No caso da película “*Aquarius*”, percebe-se a representação da personagem como uma mulher forte que enfrenta aquilo que não aceita e que se nega a perder aquilo que é de direito seu mas ao mesmo tempo acaba interpretando mal os indivíduos e se nega a ouvir diferentes opiniões, como no caso onde a mesma julga os donos da construtora como parte de uma elite, na qual ela mesma faz parte pois vive uma boa vida com os aluguéis que seu a marido deixou. Mostrando que realmente existe uma marcha do cinema no sentido do feminismo, com menos representações consideradas ideais mas a personagem continua sendo uma figura real, que assim como citado pertence a vivências estéticas e somente aos poucos tomou a função social de construção de certa

realidade, mesmo que ainda seja um instrumento privilegiado de poder.

A obra “Hoje Eu Quero Voltar Sozinho” compreende a realidade de uma representação menos estereotipada do personagem homossexual no cinema, que quase sempre esteve ligado ora à marginalidade ou a extrema feminilidade. E mesmo que se trate de um drama adolescente, a efigie não é sempre suavizado, pois trata da aceitação de desejos sexuais e emotivos. E mesmo que por ora algumas cenas pareçam inúteis estão sempre dotadas de significados pois são sistemas de signos e estes como Peirce (apud Santaella, 1983) e Eco (1968) concordam são fenômenos culturais e por isso fenômenos de comunicação, que apresentam ao mundo moderno uma fuga do olhar mecanicista e limitado.

Portanto, ao retomar o conteúdo exposto no projeto e um de seus objetivos específicos que buscava entender a maneira como a arte cinematográfica se desenvolveu percebe-se que sob os filmes analisados, existe uma influência da onda francesa Nouvelle Vague, que assim como citado anteriormente segundo Mascarello (2006), também teve essa personalidade contestatória e foi influenciada pela grande quantidade de novos cineastas, como no caso da cinematografia analisada, na época essa postura foi importante para criar e semear uma nova consciência crítica. Quanto ao estudo semiótico e a importância deste na representação cultural, verifica-se o quão significativo é entender o estudo da semiótica como algo que para ser compreendido necessita ser estudado em sua totalidade. Enfim conclui-se que a partir dos filmes analisados existe uma boa nova era diante das representações das minorias analisadas, que por responsabilidade do Estado perderam sua representatividade. Este trabalho é apenas uma pequena contribuição quanto às representações minoritárias no cinema brasileiro. Posteriormente, outras pesquisas conclusivas poderão aprofundar o tema.

Referências bibliográficas

GONÇALVES, Jorge. Sergei Eisenstein. Disponível em: <<http://filmphilosophy.squarespace.com/1-sergei-eisenstein>> Acesso em: 15/04/2017.

MORAES, VINÍCIUS DE. Livro de sonetos. 2a ed. aumentada ed. Rio de Janeiro:

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 3 Tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. — Rio de Janeiro : Ed. 34, 1996 (Coleção TRANS)

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. 3. ed. s/l: eBookLibris, 2003. Disponível em: <

<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>> Acesso em: 20 out. 2017.

SOUZA, Hélio Augusto Godoy de. Documentário, realidade e semiose: os sistemas audiovisuais como fontes de conhecimento. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001.

PASOLINI, P. (1990). Os jovens infelizes. São Paulo: Brasiliense.

JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. Campinas. Editora Papyrus, 1996.

PEIRCE, Charles Sanders. Semiótica e Filosofia. São Paulo: Cultrix, 1972, p. 71-92.

SANTAELLA, Lucia. Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

GALVÃO, Rilmara. Representação da Masculinidade Nordestina no Cinema Brasileiro: uma Análise dos Signos Identitários. 2008

JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. Campinas. Editora Papyrus, 1996.

LOTMAN, Y. Estética e semiótica do cinema. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

JORGE, Marcos. Depoimento [out. 2014]. Entrevistador: Ingrid Cruz. Curitiba: PUCPR, 2017. Entrevista concedida a esta monografia.

SANTAELLA, Lucia. O que é semiótica. Brasiliense, 1983.

MASCARELLO, Fernando. História do Cinema Mundial. São Paulo. Editora Papyrus, 2006.

